



## VIVER É UM RISCO NA ORDEM DOS CALENDÁRIOS<sup>1</sup>

Isadora Malveira<sup>2</sup>

A cidade é, para quem nela habita, o espaço no qual nos é permitido viver, existir, produzir encontros, conexões, relações, é o espaço em que agimos (no tempo). É um cenário que está sempre em disputa: a quem a cidade pertence mais, aos moradores de condomínios fechados ou às pessoas que têm a rua como única opção de moradia? Da rua muito se diz, da Mônica, a dona da rua do limoeiro - não sem disputa com cebolinha, que também queria o título, mas que no fim compartilhavam do espaço da mesma maneira - ao Hino à Rua de 2013<sup>3</sup> que diz: “Ela é dos cantos, das batucadas/ É o povo unido quem a detém/É das bandeiras, das barricadas/ Ela é de todos porque é de ninguém/ Não é dos chefes, nem dos patrões/ Não é uma posse, não é um bem/ Nem dos Estados, nem das nações/ Ela é de todos porque é de ninguém”.

Na História pensamos e produzimos reflexões acerca do agir humano no tempo, quando melhor seria formular que estudamos as ações humanas no espaço-tempo. A experiência da aula pública realizada no dia 10 de agosto de 2022 pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás pelos professores Cristiano Nicolini e Maria da Conceição Silva é um bom exemplo de como a cidade é esse conjunto de coisas vivas, de disputas e apostas, onde tudo está em jogo e onde as crianças - ainda - jogam. A História também está lá e também é disputada, modificada, construída e destruída nesse espaço. Vejamos mais sobre isso à medida que pensamos o dia 10 de agosto.

O ponto de encontro da turma era na Praça Cívica, importante praça localizada no centro de Goiânia, mas antes de chegar até lá passei a pé pela estátua do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que paira com sua arma de fogo pelas avenidas Goiás e Anhanguera, duas das mais importantes da cidade - vejam os nomes! Aqui já podemos pensar elementos vitais para a Didática da História, que não se limita somente às salas de

<sup>1</sup> Trecho de um poema de Pio Vargas.

<sup>2</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Goiás, pesquisando Cinema Escolar, Movimentos Sociais e Ensino de História. Contato: isadoramalveira@discente.ufg.br.

<sup>3</sup> Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6OGEvJJ1r8>. Acesso em 30.08.2022





aula, mas diz respeito a todos os elementos históricos presentes na vida prática dos seres humanos: o que mais prático - e tátil - que as ruas das cidades? A escolha de nomes de ruas, escolas, etc., figuras para serem representadas em estátuas, tudo isso é estudado pela Didática da História, se enquadra na categoria de usos públicos do passado. O professor Rafael Saddi propõe uma importante reflexão acerca dos usos do passado e dos estudos da consciência histórica:

É necessário, por um lado, investigar a consciência histórica dominante na vida pública. Mas, por outro, deve-se evitar pensá-la como homogênea. É preciso entender como ela se produz em diferentes lugares e espaços, em diferentes grupos sociais e comunidades, e de que forma esses discursos históricos se consolidam como hegemônicos ou são negados e inviabilizados no processo de constituição da consciência histórica dominante (SADDI, 2012, p. 216-217).

Quando refletimos que andamos no Eixo Anhanguera<sup>4</sup>, que cruza a Avenida Anhanguera, vemos a estátua do Anhanguera e quando chegamos em casa está passando novela na Tv Anhanguera - afiliada da Rede Globo em Goiás - podemos logo perceber que se trata de uma construção da consciência histórica dominante através dos usos públicos do passado. Contudo, não é hegemônica: no concreto da estrutura que ergue o Anhanguera pela cidade tem pixações e lambes que dizem que “O Anhanguera vai cair” ou outras frases que fazem alusão à destruição da estátua.

A partir do estudo da relação entre os elementos históricos publicizados e as pessoas podemos pensar uma forma de constituir “uma morfologia complexa da Consciência Histórica na contemporaneidade” (SADDI, 2012, p. 217), que não considera a consciência histórica dominante como hegemônica, que não só reconhece a existências

---

<sup>4</sup> Importante corredor de transporte público de Goiânia, que liga a cidade de leste a oeste e transporta cerca de 240 mil passageiros por mês. (SOUSA; ALMEIDA, 2017)





de outros tipos de manifestações, mas que não impede a construção de novas maneiras de se pensar, usar e viver no tempo e no espaço.

A Didática da História, por ter ao mesmo tempo uma ligação importante com a ciência histórica e a vida prática, tem seu objeto de estudo como algo muito vivo. Ainda pensando as estátuas: um monumento em homenagem ao bandeirante Borba Gatos foi incendiado por manifestantes em 2021 em São Paulo, que já não achavam admissível um bandeirante em lugar de destaque e glória. No ano anterior, em 2020, uma onda de manifestações antirracistas surgiu após o assassinato de George Floyd, homem negro morto pela polícia nos Estados Unidos no dia 25 de maio de 2020. Diversas estátuas de escravocratas foram retiradas coletivamente, à força, por manifestantes. Uma delas foi a estátua de Edward Colston, um comerciante de escravos da África Ocidental, que foi arrancada e jogada no fundo do rio por manifestantes anti racistas. Posteriormente, no lugar do escravocrata foi colocada uma escultura de Jen Reid, uma mulher negra que foi fotografada em cima da coluna onde ficava o comerciante de estátua outrora homenageado. Além disso, outras estátuas foram retiradas e prédios foram renomeados devido às manifestações populares.

Desconfio que um fato como esse de Jen Reid seja suficiente para sanar todas as dúvidas acerca da legitimidade da didática da história como campo de conhecimento: as pessoas vivem a história, fazem história, fazem historiografia e interagem, constroem, destroem, produzem com esses elementos históricos. E a Didática da História estuda a historiografia acadêmica, os usos públicos do passado e o ensino escolar de história, é um campo cujo principal foco é a relação entre as interpretações históricas - seja no ensino de história escolar, seja na sociedade, seja na historiografia - e a vida prática. Ora, se um grupo grande de pessoas se revoltam e arrancam à força pesadas estátuas vemos que a “disputa de narrativas” não é apenas no sentido figurativo, é de fato um campo de batalha, envolve ideais, história, espaço, tempo, pessoas e munições.

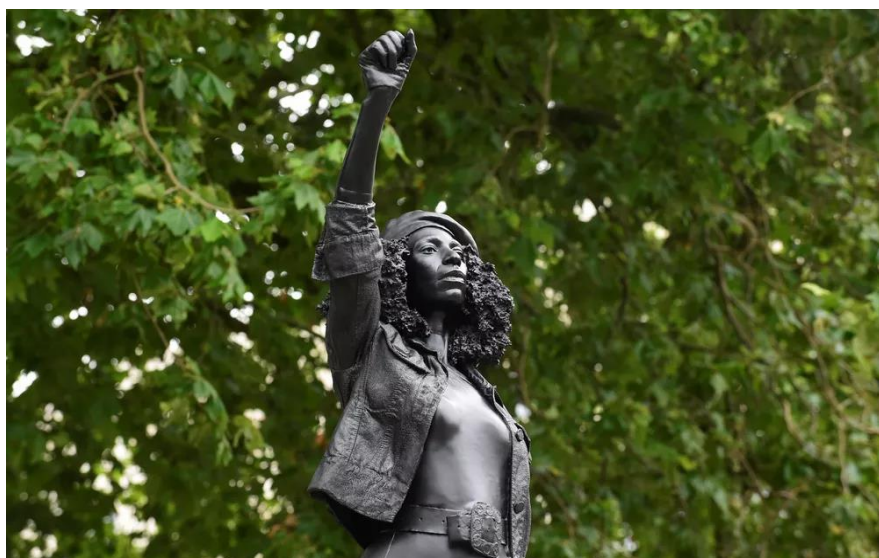
Imagem 1 - Manifestantes jogam estátua do traficante de escravos Edward Colston no porto de Bristol.





Fonte: Birchall, 2020.

Imagem II - Estátua da manifestante Jen Reid no local ocupado anteriormente pela estátua do comerciante de escravos Edward Colston em Bristol.



Fonte: Naden/Reuters.





Estabelecemos que a didática estuda as relações das interpretações históricas com a vida prática e pensamos um pouco na representação de monumentos históricos e os usos públicos do passado. Vimos que a consciência histórica não é homogênea e que as forças do presente tencionam e interagem o tempo todo com o passado e suas representações, em alguns momentos de maneira mais intensa que outras. Não podemos nos esquecer, a história é um estudo dos seres humanos feito por seres humanos, portanto está sempre sujeita às interações humanas. E são as interações humanas que levam destaque na reflexão que traçamos da experiência da aula pública.

A aula começou na Biblioteca Pio Vargas, na Praça Cívica, com a professora doutora da Universidade Federal de Goiás Cristina Helou, que trouxe reflexões acerca da construção da figura do herói e do mito e sua importância e reverberação na construção de Goiânia, com uma historiografia aguçada, crítica e fundamentada, que se opõe à “história tradicional”, aqui vista como sinônimo da consciência histórica dominante. Pensamos como a construção de Pedro Ludovico como grande herói, narrativa ainda hoje presente e utilizada pelo Estado, por políticos, etc. é feita de maneira intencional e continua sendo utilizada até hoje, embora existam trabalhos historiográficos que contrapõem essa ideia, de maneira intencional.

Bem, estávamos em um prédio público, nomeado em homenagem a Pio Vargas (1964-1991), poeta goiano de vida breve e intensa, marcada pela poesia, a boemia e o ativismo cultural. Neste prédio, estávamos ouvindo a prof. Cristina, da Universidade Federal de Goiás. No mesmo dia fomos à casa onde Pedro Ludovico Teixeira morou, que hoje é um museu. Lá, a narrativa era outra: a exaltação e confirmação de Ludovico como grande herói. O que a professora Cristina, historiadora, entende como golpe, lá era apresentado pelo guia do museu - que é neto de Pedro Ludovico Teixeira - como “importante revolução”. Enquanto na biblioteca Pio Vargas as ações centralizadoras de Ludovico eram criticadas, no museu, um museu mantido pelo governo estadual, cuja narrativa apresentada possui um caráter de oficialidade, a guia nos contava que a sede da prefeitura chegou a ser na casa de Ludovico, para exemplificar “como ele era um homem comprometido com o trabalho”. Autoritarismo ou dedicação? Depende de como é





engendrada essa narrativa. A maneira como os fatos históricos são utilizados é uma coisa, mas os fatos são os fatos, eles ocorreram, existe uma ciência histórica que utiliza métodos e seriedade para realizar o estudo do passado. Como eles serão utilizados de maneira pública é outra questão.

Na aula pública, além da atividade na Biblioteca Pio Vargas, a visita à casa de Pedro Ludovico, também fomos ao Museu Zoroastro Artiaga, passamos pelos monumentos que estão na Praça Cívica e, por fim, fizemos um tour pelo centro de Goiânia, pensando as artes urbanas e pixações presentes no espaço - não todas, pois são quase que inesgotáveis. Um elemento em comum que todos esses lugares tiveram, e que mais me interessa, é a interação dos monumentos/artes com as pessoas do presente, que passam por ali, que vivem ali. A cidade é tão recheada de elementos, significados e gentes, no plural, que a maneira como cada coisa é percebida é singular: singularidade em meio à multidão, e também coletividade em meio ao individualismo ferrenho do neoliberalismo, que não só fatia a cidade, mas fatia a comunidade e dividem as pessoas entre quais são adequadas para certas áreas da cidade e quais não são: mas nunca conseguem de fato encerrar as possibilidades que as ruas carregam em si.

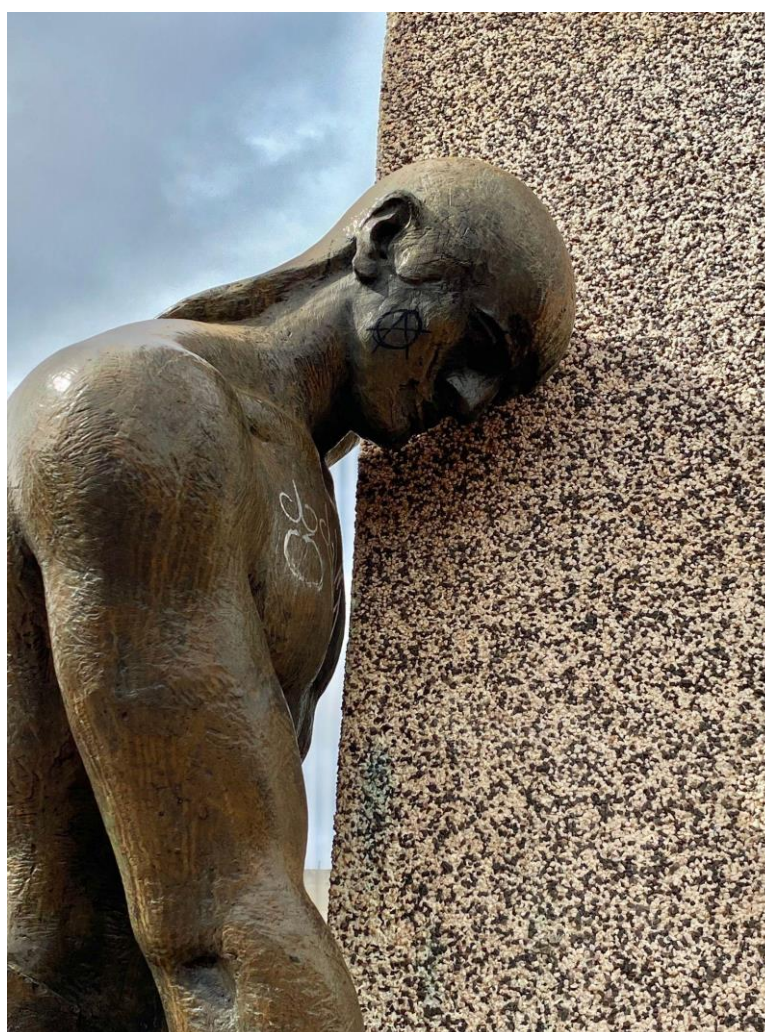
Um símbolo do anarquismo na bochecha de um dos representantes dos monumentos das três raças - que para simbolizar as “três raças humanas” representa três homens, um vestido de social, o branco, um sem roupa, o indígena, um com roupas simples e sem camisa, o negro. Na coluna que sustenta a deformada estátua de Pedro Ludovico, que é três vezes maior que o cavalo em que está montado, um cartaz: “Procuro trabalho como cuidadora de idosos. Tenho experiência e referências. Zap: (62) 9 99501448”. A ironia vem de graça, é mesmo muito caduca certas representações que se impõem nessa cidade. No mesmo espaço, um grupo de mascarados começa a dançar, soltar foguetes e performar ali, no meio da praça cívica, junto com os três homens que supostamente representam a humanidade - que de certo é completamente masculina. É arte no centro de Goiânia. Por fim, ainda na praça cívica, ponto de encontro de tantas manifestações populares, temos o único monumento que é possível se ver enquanto olha, chamado “Monumento a Todos Nós”, que é no chão, sem grandes colunas, feito de aço inox que reflete as pessoas quando





elas olham - reflete também os namorados na praça? Os manifestantes tomando porrada da polícia? As pessoas em situação de rua? - No monumento vemos crianças, uma pessoa indígena, nos vemos, de aço inox e formato engraçado, moldando o corpo de acordo com cada pessoinha. E ali, naquele monumento espelhado, alguém deixou pendurado uma blusa de frio, será que pensaram “pelo menos essa estátua está ao meu alcance”?

Imagem III - Anarquismo nas três raças



Fonte: registro da autora, 2022.



Imagem IV - Artistas mascarados na Praça Cívica



Fonte: registro da autora, 2022.

Imagem V - Pedro Ludovico, cuidado de idosos.



Fonte: registro da autora, 2022.





Imagem VI - Cabide ou espelho?



Fonte: registro da autora, 2022.

A praça cívica sozinha já nos traz tanto, mas não paramos por aí. No meio do centro de Goiânia, a imagem de uma mulher nua amamentando seu filho representada em forma de mural foi radicalmente alterada por alguém que não se sabe quem foi, mas se sabe o que diz: “Goiânia não sabe lidar com uma vulva”, ou “Das duas uma: ou mãe, ou mulher, os





dois não pode”. Na verdade, o conservadorismo e misoginia que aparecem na incapacidade de aceitar uma vulva pode ser pensado e relacionado de diversas maneiras, mas sabemos como ele se faz presente na vida de todas nós. E nesse espaço, que tem misóginos e conservadores, também tem gente que brinca, que faz arte, que constrói a cidade que se quer, que faz dela habitável e lugar onde se pode amar, como uma poesia na parede mostra.

Imagem VII - Viva la vulva - mas em Goiânia não



Fonte: registro da autora, 2022.





Imagem VIII - ainda sinto seu cheiro



Fonte: registro da autora, 2022.

Ainda andando pela cidade nos deparamos com os coloridos e agigantados painéis que o artista goiano Wes Gama e a produtora Valenta fizeram de maneira independente nas laterais de prédios. Na foto, vemos abaixo um anúncio de uma igreja neo pentecostal e





acima o grafite de Wes, que representa uma jovem segurando o “futuro”, que me fez pensar que o futuro está mesmo no céu, porque o inferno está abaixo dele.

Imagem 9 - O futuro está no céu, o inferno abaixo dele



Fonte: registro da autora, 2022.





Naquele dia 10 de agosto, o último dia frio em Goiânia por muitos meses, eu também fui capturada por esses truques do tempo e do espaço. A história, assim como a cidade, é viva e nunca sabemos ao certo o que vamos atingir, até onde um fato histórico ou um lugar específico pode carregar de significado para os sujeitos. E nessa aula pública, no Museu Zoroastro Artiaga, uma peça me levou de volta ao tempo, me levando a um momento que compartilhei com meu querido pai, que não mais compartilha dessa cidade junto comigo em corpo, mas deixou um tanto dele espalhado por aí.

A última vez que fui ao Zoroastro foi com ele. E bem ali, atrás da redoma de vidro que guarda peças de cinema, ele pediu uma foto, que fiz. Isso foi dia 02 de agosto de 2018. No dia 10 do mesmo mês, quatro anos depois, retorno ao mesmo lugar que outrora estávamos juntos e a ausência e a saudade foram arrebatadoras. Isso não estava no roteiro da aula pública, e a foto do meu pai não está no museu, mas essa conexão é uma das possibilidades que essa malha viva que envolve tempo, espaço e seres humanos possui.

O peso da ausência me assustou, eu pensei que estava preparada para a visita, não tinha me esquecido que tínhamos idos juntos ao museu, logo esperava apenas a saudade usual, que nunca desaparece, mas os espaços e o tempo possuem um impacto avassalador e, ao olhar aquele projetor de cinema, esperei também ver meu pai, mas ele não estava lá posando para a foto. Essa capacidade que o espaço e o tempo têm de guardar memórias, produzir novas e abrigar tantas histórias, momentos e sentidos pode ser dolorida e muito bonita.

Imagens 10 e 11 - Nego Papaterra, meu pai. Vazio.





Fonte: registro da autora, 2018.



Fonte: registro da autora, 2022.

A cidade guarda alguns presentes para quem nela caminha, algumas surpresas, alguns sustos também. É na conjunção do espaço-tempo que se faz vida, que se faz gente, que se faz história, que se produz encontros, que se faz injustiças, que se luta por justiça. Uma aula pública como essa, que nos propõe a cidade, é nos dar o presente das possibilidades e do olhar, quanta coisa pode se ver e sentir ali. Na Cívica, onde ficam os engravatados, o Ludovico, o Cine Cultura<sup>5</sup> (que quantos encontros já produziu!), ficam memórias de tantas pessoas que viveram algo ali, fica o banco que serve de cama para quem não tem casa, ficou minha lágrima de saudade do meu pai, mas também minha risada ao lembrar dele contando com orgulho que ele foi o primeiro - houve outros(?))!! - a dar uma volta na praça cívica moto pelado, com uma mulher pelada na garupa, tudo por uma caixa de cerveja. A anedota foi para (me) lembrar que a cidade e a história somos nós que fazemos. Fica o convite: dê um rolê. Requer esforço ocupar a cidade, mas Matilde Campilho

---

<sup>5</sup> Principal espaço para cinema não comercial em Goiânia, com preços acessíveis, mostras de cinema e curadoria atenta e sensível. Mais informações em: [SOBRE – Cine Cultura \(wordpress.com\)](https://www.cinecultura.com.br/). Acesso em 14 mar. 2023.





escreveu que queria “voltar à cidade/ só para beijar a cidade na boca” e aí pensei que todo esforço e adversidade valem à pena.

### **REFERÊNCIAS**

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. São Paulo: Editora 34, 2015.

LEITE, Carlos Willian (org). **Pio Vargas poesia completa**. Goiânia: R&F, 2014.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 7-19, jul./dez. 2006.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma Didática da História ampliada. **Acta scientiarum**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, jul-dez., 2012.

SCHMIDT, Maria A. **Didática reconstrutivista da história**. Curitiba: CRV, 2020, p. 127-157.

SOUSA, Lorena Cristina Faria de; ALMEIDA, Cristiano Farias. Caracterização do Eixo Anhanguera: as transformações na paisagem da cidade em busca da mobilidade urbana. In: Anais do 5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte. UFMG, 2018.

